

A crise do escritor na era dos escritores

José Wanderson Lima Torres*

A pletera de meios de produção e difusão de informações que caracteriza a sociedade pós-moderna perturbou a tradicional distinção entre produtores e consumidores – e, com isso, a noção de *escritor* barateou-se. Diários infantis (nem sempre escritos por crianças) e poemas adolescentes (nem sempre escritos por quem está na puberdade) são publicados freqüentemente. Numa livraria de renome, na estante de Psicologia, um livro de Gugu Liberato descansa ao lado de um de Jacques Lacan.

Há quem, como Michel Maffesoli (2004), comemore esta transformação: num contexto em que o estético se difratou no social, o criar é, mais que um imperativo, uma tarefa ordinária; todos inventam, todos produzem, todos escrevem. O ego deve se abrir, a emoção deve circular; não é mais necessário escrever apenas se for para “transformar o mundo”. A gravidade do escritor, ex-auto-nomeado porta-voz das massas, derruiu. Sob este ângulo, somente um espírito antidemocrático discordaria de Maffesoli, pois, de fato, a linha rígida que, na modernidade, separava produtores e consumidores era repressiva, elitista. No entanto, é preciso que se pense o outro lado dessa revolução, justamente o supracitado barateamento do ofício do escritor.

Esta não é a primeira vez que o escritor titubeia. Na década de 1960, o escritor levou uma primeira surra, pelo questionamento da noção de autoria; esta, porém, tinha um fundo político-corretivo evidente. Pensadores franceses como Michel Foucault (1992) e Roland Barthes (1984) questionaram duramente a entronização do autor como dono absoluto de sua obra. Para eles, dar ao texto um autor é supor, teleologicamente, que textos têm um significado último, que deve ser decifrado (e não construído) seguindo-se os passos desse agente de unidade do texto (o autor). A noção de autor, pensam eles, leva a supor que os textos, especialmente os literários, são pouco mais que confissões e que a tarefa da crítica é desvendar, como diz ironicamente Barthes (1984), a “mensagem do autor-Deus”. Foucault (2002) vai mais longe ao atribuir a noção de autor um peso eminentemente repressivo: atribuir a um texto um autor é exercer uma norma de controle. O alvo desses dois pensadores franceses era o individualismo burguês e o intencionalismo – isto é, a prática hermenêutica de buscar a significação do texto sondando a intenção de quem escreveu – ainda vigente nas interpretações literárias.

Não obstante esse ataque, o triunfo do individualismo narcisista é patente nos dias de hoje: a autoridade do escritor ruiu não pela denúncia de sua pretensão de ser a fonte única e absoluta do sentido, mas pela democratização do ofício. O número de escritores multiplica numa proporção próxima à inconsciência do compromisso ético que a atividade acarreta. Hoje, muitos publicam, mas poucos assumem o papel social que cabe ao escritor.

Grosso modo, é possível apontar três aspectos que abarcam esse “compromisso ético” do escritor: o profissionalismo, o compromisso social e o conhecimento da especialidade.

O profissionalismo, como é evidente, diz respeito a encarar o ofício de escrever como uma profissão. O escritor é um profissional, um trabalhador, ainda que grande parte não receba

* Doutorando pela UFRN em Literatura Comparada. Seu livro mais recente, em co-autoria com Alfredo Werney, é “Reencantamento do mundo: notas sobre cinema” (Teresina, Amálgama, 2008). E-mail: wandersontorres@hotmail.com

por isto. Produz bens culturais que, bem ou mal, direta ou indiretamente, influem na sociedade. Quem não encara o escritor como profissional desconhece a dimensão política do ofício. Nada que circula no mercado de bens simbólicos é neutro ou inocente, e isso é difícil fazer compreender àqueles que pensam que escrever é mera distração.

O escritor empenhado deve, também, ser um intelectual, e como tal tem de assumir um compromisso social mais pesado que o da maior parte das pessoas. Tome-se aqui intelectual não como erudito, mas, seguindo a noção de Sartre (1994), como aquele que desrespeita as fronteiras do ofício, rompe com particularismos e busca, na medida do possível, uma fala universalizante, disposto a se bater contra injustiças sociais. É verdade que hoje o intelectual tem bem menos importância social do que tivera até, pelo menos, a década de 1970. Além dos ares trazidos pela pós-modernidade, que tornou *démodé* a forma de engajamento defendida por Sartre, houve a redemocratização do País, que dispensou o intelectual de ser porta-voz (muitas vezes arrogante) dos anseios do povo, que agora, bem ou mal, pode se expressar; houve também um aumento das fontes de aconselhamento, e a televisão, as revistas e a internet passaram a ocupar uma função pedagógica mais relevante que a dos intelectuais. Como Marilena Chauí pode concorrer com Hebe Camargo? Esta impotência de Chauí (e não só dela!), porém, não desqualifica o valor da intervenção social do escritor, quando age como intelectual.

Também não se pode ser escritor sem conhecimento profundo da especialidade. Disse Ezra Pound (1976, p. 15):

O cientista não espera ter o seu valor reconhecido antes de haver descoberto alguma coisa. Começa por aprender o que já foi descoberto. Prossegue a partir desse ponto. Não se prevalece do fato de ser pessoalmente um indivíduo encantador. Não espera que seus amigos aplaudam os resultados de seu trabalho de principiante. Infelizmente, em poesia, os calouros não ficam confinados a uma sala de aula definida e identificável. Eles ‘circulam por aí’. Será de admirar que ‘o público permaneça indiferente à poesia’?

Será que a crítica de Pound cai bem só aos poetas?

Sem se considerar estas três dimensões do que se chama aqui precariamente de compromisso ético do escritor, dificilmente se exercerá tal mister com consciência e responsabilidade. Em seu livro “Sou Pai, e Agora?” Gugu Liberato diz, referindo-se ao nascimento do filho: “De repente surgiu uma atração nova na grade de programação da minha vida” (2003, p. 04). O livro dele, como de muitos escritores que rebentam por aí, não passa também de uma “atração nova”: modismo, passatempo e meio de acumulação de capital simbólico.

Referências

- BARTHES, R. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2002.
- LIBERATO, G. *Sou pai, e agora?* São Paulo: Best Seller, 2003.
- MAFFESOLI, M. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- POUND, E. *Arte da Poesia*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.